

## A CRIANÇA NA LITERATURA FRANCESA E NA BRASILEIRA

---

DURVAL ÁRTICO (UNESP)

---

A literatura tomou consciência da criança muito lentamente, como a própria sociedade, que a ignorou por muito tempo. De fato, durante longos anos, ela não teve nem personalidade, nem valor social. Vítima indefesa da ferocidade dos homens nas sociedades primitivas e mesmo mais tarde - no século XIX muitas eram exploradas pela indústria nascente -, só recentemente e aos poucos, consolidou sua posição no seio familiar e social e, consequentemente, na literatura. Há um século mais ou menos, começou esta última a interessar-se por esse pequeno ser, e não mais em virtude do que ele seria, mas em si mesmo, no que ele era.

Foi Jean-Jacques Rousseau que o tirou do abandono quase total em que vivia e tornou-o assunto de interesse, de estudo e de análise. Em sua obra *Emile*, defendeu o escritor o princípio segundo o qual a educação deve consistir em impedir que a criança, ser perfeito, degenerere em contato com a sociedade. Para esse filósofo, o homem se corrompera ao civilizar-se, ao afastar-se da natureza. Necessário se fazia salvar aquela para salvar o homem.

Essas idéias de Rousseau, por muito tempo desprezadas ou

consideradas utópicas pela maioria dos educadores, lançaram sementes fecundas e inspiraram toda uma corrente de educação moderna e contemporânea. Além disso, defendendo-as, Rousseau atraiu as atenções para a criança, que vai se tornar, no século XIX, personagem privilegiado da literatura. O romance vai adotá-la definitivamente e vamos encontrá-la como protagonista de uma infinidade de obras. Autores como Alphonso Daudet, Jules Vallès, Jules Renard, Raul Pompéia não hesitaram em buscar no passado episódios alegres ou sombrios de sua infância e incorporá-los à sua produção literária. Há mesmo, muitas vezes, por trás da criança que vemos movimentar-se na literatura, um verdadeiro mundo de contestação por parte de seu criador. Não é difícil perceber - e os críticos o reconhecem - que muitos autores "esforçam-se para provocar uma reflexão pedagógica. Muitas vezes, um objetivo polêmico os domina: a visão da criança é utilizada para criticar a sociedade" (6, p.20). Nesse caso, é o pequeno infeliz que é o escolhido, pois, mais facilmente, atende ele às intenções do escritor: despertar a piedade e a indignação do leitor (1, p.53). Assim, sob o seu sofrimento, sob o tipo de relacionamento que existe entre ele e seus pais ou professores, lê-se, sem dificuldade, um desejo de pôr em destaque o absurdo de certos comportamentos, o despotismo de algumas instituições. O romance foi o veículo ideal para isso, pois ele penetra em toda parte e ninguém resiste a sua atração. Tanto ou mais que o jornal, afirma René Johannet, ele seduz as consciências e força as convicções (5, p.10).

Estamos nos referindo ao romance social que se desenvolveu plenamente no século XIX e que não é apenas o romance de tese, mas "aquele que pinta quadros sociais", como o entendia Léon Blum (apud 3, p.67). Portanto, embora a intenção social não esteja expressa, embora não haja um desejo visível de propaganda e persuasão por parte de todos os romancistas que fizeram da criança protagonista de suas obras, nelas está sempre inscrita a pressão do meio social sobre o pequeno personagem e há muita matéria para reflexão.

Dois romances sobretudo, um francês, **L'enfant** de Jules Vallès, e um brasileiro, **O Ateneu** de Raul Pompéia, estimularam-me a essas considerações. O fato de ambos serem autobiográficos

quando já é capaz de comê-la sem adoecer, ela deixa de prepará-la; não pode comer alho porro, simplesmente porque gosta desse legume.

Essa disciplina injusta não se relaxa nunca. Se a criança não tem direito a se pronunciar, o adolescente também não tem. O fato de Jacques não querer ser professor, querer ter um ofício, é uma afronta inominável ao pai, que o ameaça de levá-lo à prisão como um criminoso. Jacques praticamente não reage a essas injustiças. Apenas seus monólogos deixam perceber os seus sentimentos.

No colégio do Puy, a situação se repete. Alunos e até empregados que não gostam do senhor Vingtras, chefe de disciplina, despejam sua raiva sobre o pequeno. Mais tarde, em Saint-Etienne ou Nantes, quando o pai torna-se professor, é ainda pior: Jacques é seu aluno e, por isso, tinha não só um péssimo lugar na sala como devia pagar por todas as farsas dos outros colegas. Para provar que não favorecia o filho, o senhor Vingtras culpava-o de tudo o que acontecia na classe, desde que o autor da brincadeira não se acusasse. Entretanto, o pai de Jacques não podia agir de outra maneira. Ele sabia que seu filho não era culpado, mas sabia também que o travesso, o autor constante das brincadeiras, filho de uma autoridade local, não podia ser castigado. Fazê-lo seria desrespeitar a hierarquia.

Na verdade, nem o senhor Vingtras, nem sua mulher eram inteiramente maus. Os golpes que caíam sobre Jacques eram frutos dessa forte hierarquia que tudo regia. Era ela que obrigava os Vingtras a curvarem-se a todos os seus superiores e a fazerem do filho o bode expiatório. No íntimo, o que eles queriam era que Jacques subisse socialmente, pois cada degrau conquistado seria um progresso na escala de valores. Assim era a sociedade: os que estavam em determinado nível oprimiam os situados abaixo deles, mas se sentiam, por sua vez, sufocados por aqueles que os precediam. Daí, necessário se fazia subir para que a opressão diminuísse. Só que, pensando em melhor sorte para seu filho, os Vingtras, sacrificados pelo peso de sua pobreza, fizeram da vida de Jacques um inferno, quando, de fato, desejavam exatamente o contrário.

Mas era esse o sistema e Jacques foi sua grande vítima. Para Vallès, porém, seu personagem é um símbolo, símbolo de todos os que experimentaram a tirania de pais e mestres, vítimas, por sua vez, de um Estado injusto. Voluntariamente, quis ele mostrar essa injustiça e retratar a época, e o fez com todos os artifícios do artista. Sua crítica não está encoberta, mas nem sempre se manifesta em palavras. São, de modo especial, as reações do menino, suas lutas íntimas, suas aspirações reprimidas, as atitudes do casal Vingtras, os gestos dos professores, as ações das pessoas que o cercam que revelam o absurdo das instituições. Para melhor fazer sentir o sofrimento da criança, o romancista, em geral, mostra a cena, em vez de simplesmente contá-la, o que põe em destaque o horror da situação e provoca a revolta, que é com efeito o que ele tem em mente. Para atingir esse objetivo, chega mesmo a exagerar, sendo uma constante em **L'enfant** a descrição hiperbólica. Aliás, afirma Gaston Gille, esse é um artifício imprescindível para "atrair a atenção sobre um odioso problema social que não é suficiente negar para que ele deixe de existir: o problema da infância infeliz". (4, p.460)

**O Ateneu**, publicado em 1888, é também um romance autobiográfico. Entretanto, Sérgio, o personagem de Pompéia, evoca apenas dois anos de sua meninice. Inicia o seu relato voltando aos seus onze anos, quando seu pai o leva ao internato e previne-o contra o que o aguarda: "Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do **Ateneu**. Coragem para a luta" (7, p.29). É essa luta, luta que se trava no interior do pequeno ao enfrentar vida tão distinta da que levava até então entre os seus - e que conhecemos por uma breve referência aos anos anteriores à sua entrada no colégio - e luta que tem de travar abertamente contra as forças que o oprimem: o colégio, o diretor, os professores, os colegas, que o narrador faz reviver. São dois anos apenas que relembra, mas que nos deixam perceber como o marcaram tão profundamente. Não há quase nenhuma simpatia de sua parte por pessoas e fatos que evoca, ao contrário, é uma profunda revolta que emana de suas lembranças.

Como Vallès, Pompéia também quis dar um alcance social ao seu romance e fez publicar, na **Gazeta de Notícias**, uma nota na qual anunciava o próximo lançamento de seu livro e chamava a

atenção para o seu conteúdo e para a "fina crítica" que dele se desprendia (apud 8, p.190-1).

Contudo, se a crítica se faz sentir nos dois romances, críticas sobretudo em **O Ateneu**, ao colégio e à sociedade em geral, o modo de apresentá-la é inteiramente diferente em cada um deles.

Vimos como procede Jules Vallès: é o sofrimento da criança que põe em evidência o absurdo das instituições, a família, o colégio, o Estado. Pompéia age de outra maneira: o narrador relembra fatos de seu passado no Ateneu do Dr. Aristarco Argolode Ramos, mostra-nos o pequeno Sérgio em sua lenta e difícil adaptação ao meio, mas o modo como intérpreta as ações e reações daquela parte do adulto que fala hoje e que é capaz de perceber a arbitrariedade do sistema escolar, tão igual e representativo do mundo em que vive agora. Portanto, esse narrador mostra, todo o tempo, que conhece o passado, fala sempre como aquele que já viveu os acontecimentos que evoca. Sérgio adulto relembra com ressentimento a luta que teve de enfrentar em criança contra um sistema educacional falho, contra um educador que não pensava nos educandos, mas nos lucros que lhe podiam dar, contra um ambiente falso e injusto do qual, sem armas, tinha que se defender.

E como precisou defender-se! Antes de sua entrada no Ateneu, Sérgio era uma criança feliz e mimada pelos pais. Entretanto, ao saber que ia para o colégio não ficou triste; ao contrário, sentiu-se atraído pelo desconhecido, sobretudo porque esse desconhecido já o tinha fascinado por sua aparência brilhante, quando o visitara em duas ocasiões festivas. Sérgio acreditara no que vira e no que ouvira: era uma criança para a qual a falsidade não existia, pois, até ali, só convivera com o verdadeiro. É, portanto, com intrepidez que enfrenta a nova vida. Essa intrepidez, porém, ficou um pouco abalada quando, no início das aulas, viu-se sozinho.

A transformação começa, consequência natural do contato com os colegas e com o colégio, representado por seu diretor e pelos professores. Advertido por Rabelo, seu primeiro companheiro, de que ali precisava ser forte pois "os fracos perdem-

-se" (7, p.63), iniciou o seu combate do qual saiu vencedor, mas magoado. Deu-se conta de que a vida se apresentava muito diferente da que vivera entre os seus, no aconchego do lar. Fora dele, era necessário coragem, como lhe recomendara o pai, ser forte, como aconselhara Rabelo.

Todavia, mais dura que a luta com os colegas, foi a que o pequeno teve de travar com o colégio, com o seu diretor. Na ocasião, ele não foi capaz de compreender a verdade dos acontecimentos; hoje, adulto, percebe-a e julga-a. O diretor, majestoso a seus olhos inocentes de recém-chegado, imagem perfeita do educador, era, na realidade, falso, injusto e amante do dinheiro. Este último regulava o valor dos alunos no colégio; a maior ou menor consideração por parte de Aristarco estava intimamente ligada à riqueza dos pais. Mesmo o aproveitamento dos alunos dependia do livro de contabilidade. Aos poucos, o respeito que o diretor inspira ao menino vai sendo abalado e Sérgio chega a afrontá-lo. Abordado por ele, responde-lhe com violência. Ameaçado e preso entre suas mãos, puxa-lhe o bigode, forçando-o a abandoná-lo. A ousadia do menino surpreende o diretor, surpreende o próprio Sérgio, mas é significativa: é a sua primeira reação contra o sistema repressor da escola. E gestos semelhantes se sucedem dos quais participam todos os alunos. Subitamente, com o incêndio do colégio provocado por Américo, aluno que fugira dali por não suportar a disciplina rígida do diretor, Sérgio vê-se livre da prisão, mas o que vira e vivera mostrara-lhe o mundo: a falsidade que lá imperava é a mesma em toda parte, o poder do dinheiro que conhecera em criança não se desmentira nunca, o domínio do mais forte mantém-se uma realidade incontestável.

Essa é a denúncia que Raul Pompéia quis fazer em seu romance. E ele não fugiu à realidade em sua criação. É certo que o ressentimento incutido em seu narrador, sentia-o ele próprio, o escritor, contra o Imperador e o seu regime, contra inúmeras instituições do país, mas, apesar disso, pintou com veracidade o drama da criança que tem de enfrentar com as suas simples forças um meio hostil.

Em resumo, Jules Vallès é o "insurgê" confesso, o contestador declarado de um sistema opressor que subjuga a escola,

a família e, logicamente, a criança, a mais frágil de suas vítimas. Raul Pompéia segue-lhe o exemplo e, de forma clara, posiciona-se contra o regime escolar, microcosmo de uma sociedade injusta onde impera a lei do mais forte e onde o dinheiro reina soberano.

Se considerarmos outros romancistas, franceses e brasileiros, dos séculos XIX e XX, que também fizeram da criança o personagem principal de suas obras, veremos que não procederam dessa mesma maneira. Alphonse Daudet, em **Jack** (1876), e Jorge Amado, em **Capitães da Areia** (1937), por exemplo, não se manifestam como aqueles, não expõem, de antemão, o caráter reivindicador de seus romances, mas, nem por isso, chamam menos a atenção para os problemas sociais da realidade que descrevem. Jules Renard, em **Poil de Carotte** (1894), e Hervé Bazin, em **Vipère au poing** (1948), procedem como estes últimos, isto é, não proclamam a tese social que querem defender, mas o espírito de revolta que anima seus pequeninos heróis torna-a bem clara. Já Anatole France, em **Le petit Pierre** (1918), José Lins do Rego, em **Menino de engenho** (1932) e **Doidinho** (1933), e Orígenes Lessa, em **Rua do Sol** (1955), parecem apenas levados pelo impulso de exaltar a riqueza do mundo infantil: as travessuras assim como os gestos comedidos das crianças, pondo em destaque a poesia, a ternura, o encanto que as envolvem, não obstante a imaginação às vezes desenfreada, a astúcia ou a inconseqüência de suas atitudes. Mas, mesmo esses romancistas estão presos à realidade e seus livros não deixam de ter o seu lado polêmico.

Os pequenos personagens também não são idênticos. Comparando Jack de Daudet com todas as outras crianças, vemos que uma enorme distância as separa: ele é um ser perfeito, anjo quase, bom, inocente, puro. Poderíamos dizer que corresponde à "criança romântica", que teria sido imortalizada pelos poetas, Marceline Desbordes-Valmore ou Victor Hugo entre outros. É esse tipo, porém, que melhor traduz as intenções de seu criador: fazer com que a "criança vítima" pusesse em evidência os malefícios do trabalho infantil na época, os preconceitos da sociedade, o descuido do governo no que diz respeito à instrução, o desinteresse das famílias com relação à educação dos filhos.

As outras são diferentes: têm qualidades, mas também defeitos, amam e odeiam, sentem falta de carinho e reagem contra isso, buscando-o ou manifestando sua revolta, têm imaginação fértil e, com ela, povoam seus dias, riem e choram, fazem sofrer os que as amam, mas arrependem-se com facilidade, respeitam os mais velhos ou, às vezes, tratam-os como iguais, brincam, divertem-se, são anjos e logo demônios, são crianças enfim.

Portanto, instrumento de luta contra sistemas autoritários, contra instituições injustas, contra pais ou professores arbitrários, ou pequenino ser acarinhado, misto de anjo e de demônio, a criança entrou definitivamente na literatura francesa e na brasileira, na segunda metade do século XIX. Criança mártir que comovia mais facilmente os leitores, facilitando ao romancista a tarefa a que se propunha, ou ser mimoso no qual o escritor imortalizava o menino feliz que fora ou que desejaria ter sido, impôs-se, como personagem privilegiado, no romance. E isso porque, na vida real, sua posição estava do mesmo modo consolidada.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BETHLENFALVAY, Marina. **Les visages de l'enfant dans la littérature française du XIX<sup>e</sup> siècle.** Genève, Librairie Droz, 1979. 149p.
2. BROCA, Brito. **Raul Pompéia.** São Paulo, Melhoramentos, s.d. 80p.
3. BRUN, Charles. **Le roman social en France au XIX<sup>e</sup> siècle.** Paris, V. Giard et E. Brière, 1910. 363p.
4. GILLE, Gaston. **Jules Vallès (1832-1885). Ses révoltes, sa maîtrise, son prestige.** Paris, Jouve, 1941. 657p.
5. JOHANNET, René. **L'évolution du roman social au XIX<sup>e</sup> siècle.** Genève, Slatkine, 1973. 120p.
6. LAUWE, Marie-José Chombart de. **Un monde autre: l'enfance.** 2. éd. Paris, Payot, 1979. 451p.
7. POMPÉIA, Raul. **Obras.** Organização de Afrânio Coutinho e assistência de Eduardo de Faria Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Oficina Literária Afrânio Coutinho, FENAME, 1981, v.2, 273p.
8. PONTES, Eloy. **A vida inquieta de Raul Pompéia.** Rio de Janeiro, J. Olympio, 1935. 340p.
9. VALLÈS, Jules. **Correspondance avec Hector Malot.** Paris, Les Éditions Français Réunis, 1968. 401p.
10. \_\_\_\_\_. **L'enfant.** Paris, Garnier-Flammarion, 1968. 315p.